

A MARGEM PERMISSIVA DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER OCULTADA NOS SÍMBOLOS CULTURAIS, LINGUISTICOS E RELIGIOSOS

Serli Ferreira de Andrade (Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Laranjeiras do Sul - serliandrade@hotmail.com), Liria Ângela Andrioli (Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Laranjeiras do Sul – liria.andrioli@uffs.edu.br)

Categoria da apresentação: oral

Resumo: O presente texto baseia-se principalmente em Pierre Bourdieu, em sua obra "O Poder Simbólico", para despertar o interesse para as diversas formas de violências simbólicas que dão margem à violência contra a mulher, camuflando-se e preservados por gerações, por meio da cultura, da linguagem e da religião, mantendo a mulher numa condição oprimida e servil, mas sem que se identifique como tal, de maneira que podem se contrapor a qualquer ruptura desses hábitos, enquanto inconscientemente reproduzem tal ordem sistêmica, conforme resume o autor sobre a perpetuação do poder simbólico exercido. Como quebra de paradigma, é possível extrair de Norberto Bobbio, em "A Era dos Direitos", que o ser humano deve ter sempre a preocupação de manter a distinção entre a teoria e a prática, tendo em mente que ambas percorrem duas estradas diversas em velocidades muito desiguais. No caso da sobreposição de gênero, tendo a violência simbólica como instrumento, conforme Bourdieu, a teoria é desconhecida da camada oprimida, uma vez que o poder simbólico é imperceptível possibilitando, assim, que o combate a essa violência e a sua prática, sejam de fato díspares.

Palavras-chave: Simbologia, desconhecimento, naturalização, autofragilização, cumplicidade.

Introdução

O poder dos símbolos expressos na vivência cultural como a música, onde não raras vezes manifestam desrespeito extremo à mulher, a exemplo de "Os Dez Mandamentos do Amor"¹, de Eduardo Costa ou então atribuindo uma condição de tutelada e submissa. Considerando o poder da musicalidade e de artistas em formar opinião, a cultura, seja por meio da música, da literatura, dos programas exibidos na televisão com comerciais que reforçam preconceito de gênero, exercendo um poder simbólico fantástico. Já, a linguagem, por

¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Pq8lfWGPqAk>>. Acesso em: 06/10/2017.



excelência traz flexões nominais que privilegiam o gênero masculino, respaldada pela norma culta gramatical, não havendo flexibilidade de gênero para muitos termos. E ainda, as máximas religiosas, quase todas relegando à mulher papéis secundários, privando-as de sua liberdade de escolhas, são tidas como inquestionáveis, inclusive, pelo público atingido. No entanto, nos lembra Bobbio (1998), que a sociedade toma consciência de seus direitos e que apesar de serem considerados naturais, “os direitos do 'homem', não foram dados de uma vez por todas.” (p. 209), observando as constantes mudanças que vão formando os comportamentos sociais. Estas mudanças podem ser provocadas em qualquer tempo, segundo ele. Isso inspira a proposição deste debate, pois de acordo com Slavoj Zizek (2009), “Nós somos aqueles por quem estávamos esperando” (p. 79).

Materiais e métodos:

Este resumo foi concebido a partir de vivências, leitura de livros, pesquisa via internet, pesquisa em arquivos pessoais, depoimentos e imagens utilizando-se da semiótica como método.

Resultados e discussão:

A intenção deste artigo é provocar o questionamento que leve à identificação da violência simbólica presente na sociedade e reforçada pelas próprias mulheres, pela não identificação, devido às formas ocultas que ocorrem nas práticas das relações de gênero, amparadas na cultura, na linguagem e nos valores sacros.

A violência simbólica tem como determinante um poder simbólico invisível, imperceptível ou pouco visível. Esse poder se dá na falta de importância dada à existência da mulher e a ignorância ao seu poder, fazendo com que os atos e o poderes masculinos exercidos sejam reforçados e promovidos, conforme discorre Bourdieu (1989): “O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (p. 7).

Como exemplo de poder simbólico, que é sentido pelas mulheres e que constantemente é colocado como tal, está a segregação da mulher durante as conversas em grupos, quando para ser ouvida e conseguir por em discussão suas ideias, precisa falar mais alto ou pedir a vez sem ser notada por quem está mediando um debate. Há ainda, a segregação de afazeres, relegando sempre ao gênero feminino papéis secundários e que não sejam da preferência dos homens. Neste caso, a violência simbólica costuma vir disfarçada de humor (piadas), no sentido de naturalizar para a mulher essa condição, o que também pode ser constatado nas tratativas relacionadas a valores monetários, quando mesmo que este diga respeito a um produto ou bem conquistado em conjunto, em relações heterossexuais afetivas ou de sociedade, tende-se a direcionar aos homens as decisões. Ainda em termos triviais e cotidianos, há o julgamento direcionado à mãe em relação aos cuidados com os filhos e mesmo sobre a opção de tê-los. Não menos reveladoras são as tratativas referentes à mulher nos boletins de ocorrências policiais. O condicionamento tolhedor feito



pelas famílias às meninas, para que sejam tolerantes, pois isto também é um mito atribuído ao gênero feminino, a ponto de poucas distinguirem e reagirem à violência simbólica, chegando-se a gritante violência simbólica como a abordagens de imprensa acerca da Mulher, conforme imagem abaixo:



Fonte: <http://www.naomekahlo.com/single-post/2017/01/16/%C3%89-s%C3%B3-uma-brincadeira-o-machismo-que-se-esconde-por-tr%C3%A1s-do-humor>

A ordem e reprodução de um sistema de poder epistemológico e simbólico como instrumento de dominação tem origem, segundo Bourdieu (1989), no que chama de ordem gnosiológica, que dita a homogeneidade acerca dos pensamentos e limites construídos a partir da concordância entre os sujeitos. Reforçando que estes símbolos podem ser instrumentos de integração social, que unem uma comunidade por meio de representações simbólicas, seja no meio cultural, linguístico ou religioso, facultando a imposição de classes dominantes, o que para ele, dá margem ou legitima a violência simbólica, (BOURDIEU, 1989, p. 10-12).

Conclusões:

É possível evidenciar, portanto, que a violência simbólica manifesta-se de diversas formas em nossa sociedade. Muitas vezes ela está ocultada por valores e culturas e expressa a sua força até mesmo inconscientemente nos modos de ser e agir no cotidiano. As mulheres, historicamente foram e continuam sendo alvos da violência que insiste em condicioná-las ao corpo e a sexualidade, colocando-as em uma situação de inferioridade em relação aos homens. Muitos passos já foram dados para modificar essa situação. A educação, de modo peculiar, tem esse papel ao possibilitar uma reflexão crítica que conduza à transformação social e emancipatória em relação ao debate das relações de gênero.

Referências:

ALBUQUERQUE, Ana Luiza. "É só uma brincadeira": o machismo que se esconde por trás do humor. In: *Blog não me kahlo*. Disponível em: <<http://www.naomekahlo.com/single-post/2017/01/16/%C3%89-s%C3%B3-uma-brincadeira-o-machismo-que-se-esconde-por-tr%C3%A1s-do-humor>>. Acesso



em: 06/10/2017.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.

Bobbio, Norberto. *A Era dos Direitos*. Rio de Janeiro: Nova Editora, 2004.

ZIZEK, Slavoj. *Primeiro como tragédia, depois como farsa*. São Paulo: Boitempo, 2009.

23 a 28 out



ORGANIZADORES:

